

ORIGINAL ARTICLE

Expressões do português brasileiro com o verbo *cair*: uma abordagem semântico-pragmática para o ensino de língua adicional

Nanashara Behle¹, Ana Maria T. Ibaños²

¹ Doutoranda, PPGL/PUCRS <nanabehle@gmail.com>.

² Doutora em Linguística, PUCRS <atibanos@pucrs.br>.

RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de apresentar uma forma de ajudar aprendizes de português como língua adicional a compreender o significado de expressões idiomáticas do português brasileiro que, muitas vezes, necessitam do contexto em que o processo comunicativo ocorre para então se poder inferir o significado. Para isso adotamos uma perspectiva semântico-pragmática, com viés inferencial proposta pelo filósofo Paul Grice (1957, 1975) em suas teorias da conversação e do significado. Para fins deste trabalho, assumimos expressões do verbo *cair* por ser um verbo bastante recorrente na linguagem cotidiana do português brasileiro, tanto em expressões em que o termo aparece em seu sentido dicionarizado, quanto em expressões assumidas por Fernando (1996) como parte do processo de idiomaticidade. Como metodologia nos valem os textos de Sardinha (2004; O'keeffe; Carter; McCarthy, 2007) por assim termos acesso a textos orais e escritos autênticos no corpus desenvolvido e mantido por Mark Davies e Michael J. Ferreira.

PALAVRAS-CHAVE: Expressões idiomáticas; Inferências; Linguística de corpus.

Brazilian Portuguese expressions with the verb *cair*: a semantic-pragmatic approach for the teaching of additional language

ABSTRACT

This study aims to present a way to help learners of Portuguese as an additional language to understand the meaning of expressions of Brazilian Portuguese, which need the context of the communicative process to have their meaning inferred. For this we adopted a semantic-pragmatic approach, with inferential bias proposed by the philosopher Paul Grice (1957, 1975) in his theories of conversation and of meaning. In this paper, we assume expressions of the verb *cair* because it is a frequent verb in Brazilian Portuguese everyday language, in expressions with a literal meaning and in idioms, assumed by Fernando (1996) as part of idiomaticity process. As a methodology we use Corpus Linguistics (Sardinha, 2004; O'keeffe; Carter; McCarthy, 2007) so we have access to authentic oral and written texts, using the corpus developed and maintained by Mark Davies and Michael J. Ferreira.

KEYWORDS: Idioms; Inferences; Corpus linguistics.

Corresponding Author:

NANASHARA BEHLE
<nanabehle@gmail.com>



This article is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International license, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original publication is properly cited.
<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

1. INTRODUÇÃO

Muitos alunos de língua adicional relatam dificuldade para compreender o significado de expressões idiomáticas principalmente quando tentam se comunicar com falantes que têm o português como língua materna. Sabemos que essa dificuldade não se restringe apenas a aprendizes de Português como Língua Adicional; ela é inerente ao aprendizado de qualquer língua, uma vez que expressões idiomáticas, ou níveis de idiomaticidade, para usarmos o termo de Fernando (1996), são culturais e, portanto, trazem problemas para estudantes de línguas em geral. Por esses motivos, acreditamos ser relevante discutirmos expressões idiomáticas e idiomaticidade, através de uma amostragem de expressões idiomáticas na língua portuguesa e de sua análise através de inferências pragmáticas, ou seja, do uso.

Para tentarmos alcançar nosso objetivo, faremos uso da Linguística de Corpus como metodologia, uma vez que, com a utilização de corpora, temos acesso a textos autênticos de diversos gêneros textuais, inclusive orais, como os que utilizaremos neste trabalho. Mostraremos alguns conceitos que justificam esta escolha na terceira seção, bem como explicaremos o corpus desenvolvido por Mark Davies e Michael J. Ferreira, que usaremos para efetuar nosso trabalho.

Na segunda seção, mostraremos os conceitos que consideramos relevantes para este trabalho: uma perspectiva cognitivo-inferencial com base no modelo inferencial de Paul Grice (1957, 1975) no que tange à noção de cooperação e de inferências para um processo comunicativo bem-sucedido; a definição de idiomaticidade e uma classificação para expressões idiomáticas proposta por Fernando (1996); e a abordagem comunicativa para o ensino de língua adicional.

Finalmente, na quarta seção, mostraremos a aplicação dos conceitos vistos e também uma ideia de como utilizar corpora como uma ferramenta em sala de aula. Para tal fim, nos focaremos em expressões com o verbo *cair*, por se mostrarem bastante recorrentes no cotidiano de falantes do português, tanto no sentido convencional do verbo (*cair da escada*, *cair no chão*), quanto também em expressões idiomáticas (*cair na realidade*).

2. SOBRE INFERÊNCIAS E EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

2.1. Inferências

O modelo inferencial foi proposto pelo filósofo Paul Grice em seus trabalhos *Meaning* (1957) e *Lógica e Conversação* (1975) e foi desenvolvido em oposição ao modelo de teoria matemática de comunicação, conhecido como modelo de código (Shannon e Weaver, 1949, 1964). No modelo de código, a comunicação era vista como um processo de codificação e de decodificação que, apesar de prever ruídos no processo, não considerava o contexto comunicativo. Para a Filosofia da Linguagem e para a Linguística, esse modelo não era suficiente para explicar como a compreensão de sentido funciona. Se dizemos (a) você pode fechar a janela? Não esperamos uma resposta (b) sim, mas uma reação não-linguística à questão. Embora o falante tenha usado uma expressão linguística, que é convencionalmente uma pergunta do tipo sim/não, o

ouvinte pode inferir que se trata de um pedido. Grice foi o primeiro a tentar explicar essa característica da linguagem e apresentar uma análise filosófica para isso. Seu trabalho é de explanar como um receptor consegue entender além do que está dito, ou seja, como ele compreende o que está implícito (implicado) no enunciado proferido pelo comunicador, completando com inferências os vãos deixados pelo modelo de código.

Baseado no modelo inferencial, Grice desenvolve uma Teoria de implicaturas. Levinson (1983, 2007) afirma que esta teoria é sobre o modo como as pessoas usam a língua e que a ideia de Grice é que existem suposições gerais que regem o processo comunicativo. Essas suposições estão no esquema formulado por Grice dentro de um processo cooperativo: segundo ele para que haja inferência é preciso uma “contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado” (1982, p. 86). Para o filósofo é preciso que haja certo grau de cooperação entre comunicador e receptor, o qual ele chamou de Princípio de Cooperação. A esse Princípio estariam ligadas quatro categorias de máximas conversacionais: qualidade, quantidade, modo e relação. Essas classes indicam como o processo comunicativo deveria ocorrer para haver uma boa compreensão entre todos os participantes, pois eles indicam que: (1) qualidade, indica que o comunicador deve proferir apenas o que acredita ser verdade; (2) quantidade, propõe que deva ser comunicado apenas a quantidade necessária de informação, evitando o excesso e a escassez de dados; (3) modo, avisa que ao proferir o enunciado o comunicador deve ser claro, evitar, por exemplo, vaguidade; (4) relação, a informação deve ser relevante. No entanto, quando as categorias de máximas conversacionais são aparentemente quebradas pelo comunicador, será através de inferências que chegaremos a uma conclusão sobre a conversação.

Como expressões idiomáticas fazem parte de um contexto conversacional, acreditamos que as noções defendidas por Grice se aplicam a nosso estudo. Leme (2008), por exemplo, afirma que, por possibilitar a interface entre fatores sintáticos, semânticos e pragmáticos, a Teoria das Implicaturas de Grice é adequada para o entendimento da idiomatidade.

É deste modo, que a compreensão do significado não-literal das expressões idiomáticas se relaciona com a Teoria das Implicaturas de Grice, já que o modelo apresentado pelo autor investiga as informações transmitidas a partir do que foi dito pelo falante e também através das informações extraliterais, contemplando assim, a totalidade do significado de uma expressão idiomática, (...), se constrói com informações que estão além do que sua estrutura contém (Leme, 2008, p. 85).

Leme justifica que o entendimento de uma expressão idiomática não está apenas no nível semântico, mas também no pragmático. Isto é, para compreender o que a expressão não-literal quer dizer, é preciso que o receptor (no caso de nosso trabalho, o aprendiz de Português como Língua Adicional) compreenda o que está no nível pragmático da significação, ou seja, ele deve se utilizar de um processo inferencial. Além disso, ao reportarmos, novamente à máxima de modo – seja claro, evite obscuridade de expressão – a estratégia comunicativa para o entendimento de expressões idiomáticas

parece seguir o que Komlósi e Schnell (2008) assumem como o contínuo da não-composicionalidade, a saber: a) um contínuo que facilita a interpretação literal e os significados figurativos; b) um contínuo que facilita a aquisição do uso de linguagem literal e idiomática e c) um contínuo que facilita o desenvolvimento de faculdades semântico-pragmáticas inferenciais.

Quando a expressão está em sentido literal, Leme (2008) acredita que “o contexto da situação específica juntamente com o enunciado é que fornecem as pistas para a correta interpretação por parte do receptor”. Ela também acredita que, quando a expressão idiomática não é literal, viola a máxima griceana de relação, pois o significado parece não ter relação com o tópico.

Passamos, então, a ver como idiomaticidade e expressões idiomáticas são definidas e assumidas em nosso trabalho.

2.2. Idiomaticidade e expressões idiomáticas

Conforme mencionado anteriormente, assumimos neste trabalho a definição de Fernando (1996, p. 30) de expressões idiomáticas “[...] são unidades indivisíveis cujos componentes não podem variar ou variam apenas em um limite definido”¹, e idiomaticidade, ou seja, a existência de expressões convencionadas de múltiplas palavras que mostram invariância ou variação restrita. Além disso, composição (duas ou mais palavras), institucionalização (significados convencionados) e opacidade semântica (o significado do todo não está diretamente relacionado ao significado das palavras que o compõem) são características primordiais de expressões idiomáticas.

Fernando ainda indica que há três tipos de expressões idiomáticas: expressões idiomáticas puras, semi-expressões idiomáticas e expressões literais².

A título de exemplificação, consideremos os três exemplos abaixo:

- (a) He has to *spill the beans*.
[ele tem derramar os feijões]
- (b) I need to catch my breath.
[eu preciso pegar minha respiração/fôlego]
- (c) Happy birthday.
[Feliz aniversário]

(a) é um exemplo de expressão idiomática pura, que utiliza o significado não-convencional das palavras e dá um novo sentido cristalizado. *spill the beans* é um exemplo de opacidade semântica; apesar de falar de feijões, não há nada no contexto da expressão que indique falar do grão. A expressão, na realidade, significa *revelar um segredo* ou *informação*, (b) é exemplo de semiexpressão idiomática, pois, pelo menos um dos constituintes pode ser visto em seu sentido literal. *catch one's breath* significa *recuperar o fôlego*; o sentido da primeira palavra não pode ser visto como literal, mas o da última sim, e (c) é o exemplo de expressão literal, que possui sentido cristalizado e literal.

¹ No original: idioms are indivisible units whose components cannot be varied or varied only within definable limits.

² Tradução para *pure idioms*, *semi-idioms* e *literal idioms*.

As expressões idiomáticas são diversas e, segundo Levinson (2007), seriam mais bem avaliadas sob teorias de perspectiva inferencial. O linguista indica que isso se justifica pois o significado e a força literal são inferidos pelos participantes do processo comunicativo. Além disso, para que haja um ato de fala não-litera deve haver um gatilho de inferência, que mostre para o receptor que o significado literal não é adequado naquele contexto. Levinson também indica que é preciso regras e sistematização pragmáticas para que o entendimento obtenha sucesso. De acordo com ele, os atos de fala propostos por Searle (1979) e o princípio de cooperação proposto por Grice (1957, 1975) podem satisfazer esses requisitos.

Neste trabalho exemplificaremos na seção 5 o uso do verbo *cair* no português brasileiro, mais especificamente no ensino de Português como Língua Adicional. Sabemos que o verbo citado é bastante frequente em expressões idiomáticas, bem como, obviamente, seu uso no sentido literal do termo, ou seja, *cair* como sinônimo de *ir ao chão, desabar*.

3. ENSINO E INFERÊNCIAS

Nesta seção veremos os conceitos mais relevantes para este estudo. Apresentaremos as noções de abordagem de ensino comunicativa, de processo inferencial e também de contexto.

3.1. Ensino de Português como Língua Adicional e abordagem comunicativa

Nos últimos anos, a busca pelo aprendizado da Língua Portuguesa como língua adicional aumentou bastante. Os fatores que propiciaram esse crescimento são diversos, como os motivos econômicos propiciados pela ampliação das relações brasileiras com outros mercados quanto o aumento da imigração de países afetados por guerras e crises, como Haiti e Senegal, para o Brasil, o qual, até pouco tempo, aparentemente poderia propiciar melhores condições de vida para esses imigrantes. Além disso a realização dos jogos da Copa do Mundo de Futebol em 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016 fizeram com que a atenção de boa parte do mundo se voltasse para o Brasil.

Um aspecto que indica este aumento de interesse pela língua portuguesa é o aumento de inscritos no exame do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras).

O Celpe-Bras é organizado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) para avaliar estrangeiros em aspectos como compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita do português brasileiro. Somente com esta certificação é possível a estudantes não brasileiros completarem cursos de graduação ou de pós-graduação em instituições públicas. O exame, aplicado duas vezes ao ano, pode ser realizado no Brasil, em postos aplicadores, e em centros brasileiros de outros países.

A abordagem de ensino que procuramos seguir neste trabalho é a comunicativa. Segundo Leffa (1988) esta perspectiva considera não só a análise do texto, seja ele oral ou escrito, mas também o contexto em que é apresentado. Essa noção parece muito adequada para uma perspectiva

pragmática, que envolve o uso da linguagem em contexto, pois a língua-alvo, no caso o português, não é avaliada apenas através de sentenças (estruturas sintáticas), mas dentro de um contexto comunicativo.

Esse contexto, de certa forma, nos é provido pelo concordanciador do corpus, pois nos fornece um grande pedaço do texto autêntico. Certamente outras atividades podem aprimorar a abordagem comunicativa em sala de aula, mas isso parece vir mais facilmente com o *input* que uma avaliação do corpus pode nos dar. Leffa (1988, p. 21) corrobora esta tese quando postula: “O desenvolvimento de uma competência estratégica – saber como usar a língua para se comunicar – pode ser tão ou mais importante do que a competência gramatical”. O autor firma ainda que para isso a utilização em aula de textos autênticos em situações reais de uso (não apenas orais, mas também escritas como jornais e revistas) é o mais eficiente no processo de aprendizagem em uma abordagem comunicativa.

Leffa também afirma que muitos estudiosos começaram a dividir os atos comunicativos em diferentes categorias de funções e que essas funções possuem várias possibilidades linguísticas, ou seja, não é necessariamente o que aparece no dicionário. Portanto, adquirem diferentes significados de acordo com o contexto. A essas funções damos o nome de atos ilocutórios, os quais Huang (2007, p. 85) define como sendo atos que “se referem ao tipo de função que o falante deseja preencher, ou o tipo de ação que o falante deseja realizar ao produzir um enunciado”.

Outro fator considerado importante neste tipo de abordagem de ensino é que o processo deve ser centrado no aluno, ou seja, o professor deve ser orientador do procedimento e não a figura central. Portanto, acreditamos que o que proporemos na última seção deste trabalho se faz relevante, no sentido de que o aluno é solicitado a procurar no corpus os diferentes usos do verbo, comparar seus diferentes significados, através de inferências, para então utilizá-los em contextos diversos. Para darmos sequência ao encadeamento deste raciocínio, definiremos o que são e mostraremos como são classificadas as expressões idiomáticas.

4. SOBRE A LINGUÍSTICA DE CORPUS

A Linguística de Corpus encarrega-se da compilação e análise de *corpora* com o intuito de servir à pesquisa linguística, tanto de uma língua quanto de uma variedade linguística. Segundo Sardinha (2004) nem todo conjunto de dados pode ser considerado um corpus. O estudioso afirma que corpus “é uma parte da biblioteca eletrônica, construído a partir de um desenho explícito, com objetivos explícitos” (Sardinha, 2004, p. 16). Ou seja, apesar de os textos serem necessariamente de linguagem natural e autênticos, o corpus é construído artificialmente com o intuito de possibilitar pesquisas linguísticas. Assim, um conjunto de textos, sem organização ou seleção, não pode ser considerado um corpus. Ainda segundo Sardinha (2004), quatro são os pré-requisitos para a formação de um corpus computacional: o primeiro pré-requisito é que os textos devem ser em linguagem natural e autênticos; o segundo é que para serem autênticos os textos devem ser realizados por falantes nativos e, se o corpus for formado por aprendizes, deve ser marcado como tal; o terceiro é que deve haver critério na formação do corpus, seguindo

regras pré-estabelecidas para que a coleta de dados cumpra os objetivos desejados; o último critério é o da representatividade do corpus.

O'keeffe, Carter e McCarthy (2007) destacam que para utilizar um corpus é possível inserir os textos escaneando, digitando, baixando textos da internet ou até mesmo usar textos já disponibilizados. Em caso de textos orais é preciso gravar e transcrevê-los para que se possa inseri-los em algum programa que compile corpora. Eles sugerem, inclusive, que podemos criar um corpus com a produção de nossos alunos.

Essa mesma ideia é defendida por Archer, Aijmer e Wichmann (2012), ao argumentarem que existem muitas formas de se juntar dados para uma análise pragmática, dependendo do foco de estudo. Se utilizamos um corpus existente ou se criamos o nosso não importa, mas a maneira como fazemos o recorte para o estudo é de especial relevância. Além disso,

The benefits of annotating corpora are obvious: it allows researchers to access specific phenomena quickly and easy. But annotation – specifically pragmatic annotation – brings with it its own problems. [We] have to know how to delimit fragments of the text, [...] especially when dealing with transcribed speech, [We] have to find a means of ensuring the accuracy of any pragmatic labels we may use (2012, p. 21).³

Em outras palavras, qualquer que seja o nosso foco ao analisarmos dados provenientes de um corpus, temos que estabelecer todos os princípios para a análise ser bem-sucedida.

A Linguística de Corpus possibilita análises quantitativas e qualitativas do corpus. Segundo O'keeffe, Carter e McCarthy (2007), nas análises quantitativas, trabalhamos com estatísticas, pois o número de ocorrências nos permite fazer uma estimativa de frequência e também comparar com outros corpora. Já as análises qualitativas nos permitem criar padrões de concordância. O nosso interesse específico para este trabalho são textos orais, como já mencionado na introdução. O recorte que faremos é dentro de um corpus já existente, que passamos a descrever na seção que se segue.

4.1. Corpus do Português

Neste trabalho, utilizaremos o corpus do português⁴ desenvolvido por Mark Davies e Michael J. Ferreira para três diferentes instituições: Brigham Young University, Georgetown University e United States National Endowment for the Humanities. Este corpus possui 45 milhões de palavras em mais de 57 mil textos em português, tanto orais quanto escritos, entre os séculos XIV e XX.

O corpus possibilita procurar por palavras exatas ou aproximadas, como coringas, frases e classes gramaticais, bem como colocações e aproximações em até dez palavras de distância. Além disso, há registros de textos tanto

³ O benefício de corpus anotado é óbvio: ele permite que pesquisadores acessem de maneira rápida e fácil fenômenos específicos. Mas a anotação - especialmente, anotação pragmática - traz problemas por si só. Temos que saber como delimitar os fragmentos do texto, [...] especialmente, quando lidamos com transcrição de fala. Temos que achar meios de assegurar a precisão de quaisquer etiquetas pragmáticas que possamos usar (2012, p. 21).

⁴ Disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Último acesso em 26 de junho de 2016.

em português brasileiro quanto português europeu, e português de países luso-africanos, possibilitando análises de comparação de frequência, dialetos, e períodos de tempo. O corpus mantido por Davis e Ferreira possui registros orais, de textos escritos acadêmicos, jornalísticos e de ficção.

Nossa pesquisa se deterá em dois parâmetros de busca concomitantes no concordanciador⁵: registros que sejam orais e que sejam do século XX. Ela será uma pesquisa de paradigma informal baseado em concordâncias. Esse tipo de paradigma é um dos mais usados e se baseia na descrição da linguagem e necessita de pouco apoio da pesquisa quantitativa (Sardinha, 2004). Desta forma é possível perceber padrões nas expressões encontradas no corpus que servirão de auxílio para que se possam elaborar exercícios visando ao ensino e aprendizado da língua adicional.⁶

Como dito anteriormente, utilizaremos como exemplificação o verbo *cair* e as expressões idiomáticas que podem com ele ser formadas, constituindo o que Fernando (1996) define como idiomaticidade. Algumas dessas expressões analisaremos na seção 4 deste trabalho.

5. PROPOSTA DE ANÁLISE

Nesta seção veremos a aplicação das teorias apresentadas, de modo breve, anteriormente. Em primeiro lugar, observaremos como o verbo *cair* aparece no corpus escolhido e suas significações. Em segundo, proporemos ideias sucintas para a utilização do corpus com aprendizes de Português como Língua Adicional.

5.1. Cair

A escolha do verbo *cair* em suas diferentes instâncias se dá por ele apresentar uma gama de possibilidades de interpretação, dependendo da expressão em que se insere. Este verbo foi escolhido por possuir várias expressões idiomáticas recorrentes no cotidiano do falante do português brasileiro. Por isso, parece adequado usá-lo como exemplo para mostrar como um aluno de Português como Língua Adicional pode aperfeiçoar seu aprendizado da língua com o uso do corpus e de adequação ao significado pragmático de expressões idiomáticas através de inferências (Levinson, 2007). Ou seja, poderíamos aplicar essa ideia a qualquer outro termo da língua, utilizando um concordanciador de corpus.

No corpus do português desenvolvido e mantido por Davies e Ferreira, podemos encontrar 3650 entradas para o termo “cair” sem utilizar nenhuma espécie de filtro. Ao procurarmos por um curinga (“cai*”), encontramos 2309 entradas para *caiu*, 874 para *caindo*, 279 para *caia*, entre outros, incluindo termos como “caixa” e “caixeiro” que não parecem relevantes para este trabalho. Ao refinarmos nossa pesquisa, colocando como parâmetro para o termo *cair* apenas registros do século XX, temos 1499 entradas; e diminuindo ainda para apenas registros do século XX, orais e que, além disso, sejam de português brasileiro, obtivemos ainda 1499 entradas, o que nos parece

⁵ Software com ferramentas para o trabalho de linguística de corpus.

⁶ Nosso texto não tem a pretensão de apresentar exercícios prontos, mas apenas discutir teoricamente as possibilidades de eles serem feitos.

um número razoável de possibilidades de contextos para a inferência de significados tanto de expressões literais, quanto de outras expressões idiomáticas. Abaixo vemos alguns exemplos que o concordanciador nos oferece como entradas para o termo *cair*.

62 mil por mês no sistema atual. Com o novo sistema a parcela vai **cair** para R\$ 8 mil por mês, tornando-o suportável.
 - Escândalos como esse da compra de votos estão fazendo a popularidade do presidente FHC **cair** vários pontos, segun
 cerca de 60 ou mais dias? Nicéforo Fernandes - Não há possibilidade desse trabalho **cair** no esquecimento porque nós e
 telefone fixo, que tem atualmente uma taxa de habilitação de R\$ 308,00, pode **cair** para uma taxa de instalação bem m
 estimula-o a escrever. É muito importante derrubar a torre em que nos escondemos e **cair** no mundo. Uma certa agitaç
 da taxa de juros. Neste ano, a taxa de juros já não pode **cair** tanto. Dado o déficit na conta corrente e dado o pequeno
 em termos de recessão ou de inflação. Risco corremos ao sair de casa e **cair** alguma coisa em cima de nossas cabeças
 achando que, só porque conquistaram a Libertadores, já está bom. Eles vão **cair** na realidade e sentir que ganharam, r
 seria a sexta-feira? Ouvia de analistas avaliações negativas do tipo: a bolsa vai **cair**. Hong Kong vai desabar, vocês det
 migração rural rumo às cidades nos preocupava porque, em consequência, a produção poderia **cair**. Estudamos muito
 foi o Toledo. Foi um marco na vida da gente. O primeiro a **cair** foi o Cláudio Torres, que não disse nada. Estado - No fil
 ? Porque se fizer o que a sra. fez aqui na lousa é para **cair** tudo. A sra. me promete? Eu deixo a sra. passar porque
 a menor idéia de se o filme vai ser bom ou não. Se vai **cair** no gosto do público, muito menos. iBEsp_407# 6 de junho
 mais de dez anos, as reformas só eram feitas quando a ponte estava para **cair**. Em 1986, foi criado o Agrupamento de
 todinha dentro dessa selva de concreto de modo que no dia em que eu posso **cair** numa estrada: da - eu vou pra estrada
 que sh daí a um determinado tempo - o índice mental - dessa sociedade vai **cair** - então se a gente faz um controle - c
 é são tombados talvez pelo patrimônio - eles tão deixando então o prédio tom / **cair** - pra poder então ter o pé de bota
 cartas caírem no chão eles apanharam assim atabanadamente e: - e se por ventura **cair** uma carta daquelas ou se per
 - cada um cuidando de si ninguém liga pros outros quer dizer se uma pessoas **cair** no meio da rua ninguém vai auxiliá
 dele - () - e a mesma coisa com os cabelos quando começaram a **cair** né? vivia louco porque tava ficando careca - que

Figura 1: Concordanciador com entradas do termo *cair*

Quando clicamos na entrada do termo em destaque, temos acesso ao registro em que a palavra foi encontrada. Desta forma, sabemos um pouco mais do contexto em que *cair* foi utilizado.

Como falantes nativos da língua portuguesa, sabemos que o sentido literal do termo *cair*, como citado anteriormente, significa *levar uma queda, desabar, perder o equilíbrio*⁷. Vejamos agora como o termo é empregado em alguns exemplos fornecidos a nós pelo Corpus do Português.

(1) “Porque se fizer o que a sra. fez aqui na lousa é para **cair** tudo”.

Neste caso, ao clicarmos no verbo para visualizarmos o registro em que o trecho em questão está inserido, percebemos que o contexto do uso é o de um aluno perguntando sobre o conteúdo de uma prova. Nesta expressão o verbo está fora de seu sentido literal e um aprendiz de língua adicional é necessário realizar algumas inferências para compreender seu sentido. Isso porque, caso utilizasse o significado literal, os conteúdos *desabariam/perderiam o equilíbrio* na prova e, conforme realizamos a inferência disso, construímos o contexto (Sperber; Wilson, 1996) com o conhecimento de mundo que temos de que esta expressão, se considerada em seu sentido literal, seria absurda. Como falantes nativos do português, também temos que construir esse contexto durante o processo comunicativo, mas para nós o processo inferencial tem um custo cognitivo muito menor, pois já sabemos de antemão que o conteúdo *cair* em uma prova tem o significado de *ser matéria da prova*.

⁷ Michaelis – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.

(2) “(...) se uma pessoa **cair no meio da rua** ninguém vai auxiliar (...)”.

Neste exemplo (2), temos a expressão “cair no meio da rua”. Esta expressão pode dar uma ideia de expressão idiomática pura (Fernando, 1996), mas também de expressão literal. Isso porque “cair no meio da rua” pode significar “ficar na miséria”, ou seja, ter todos os termos com sentido bem diferente do significado dicionarizado. No entanto, avaliando o contexto dessa frase, de uma pessoa falando sobre “viver em uma selva de pedras”, percebemos a possibilidade de fazer a inferência de que o sentido é literal. Com o contexto acrescido é possível percebermos que não há a aparente quebra de nenhuma máxima conversacional e, assim, podemos resgatar o significado literal do termo.

(3) “Não é possível este trabalho **cair no esquecimento** (...)”.

Aqui podemos ver “cair no esquecimento” como semiexpressão idiomática (Fernando, 1996), pois, apesar de o significado de *cair* não ser literal, podemos ver “esquecimento” como tal, visto que “cair no esquecimento” tem o sentido de “ser esquecido”. Para um aprendiz chegar a esse significado, é preciso que seja feito um processo inferencial, considerando o contexto comunicacional.

(4) “É muito importante sairmos da torre em que nos escondemos e **cair no mundo**”.

O exemplo (4) é um caso de expressão idiomática pura, pois todos os termos são usados com sentido diferente do que podemos encontrar no dicionário. Neste caso, o significado de uso cotidiano é “fugir”, “desaparecer” e podemos resgatá-lo através de um processo inferencial.

Os casos que vimos acima são apenas alguns dos exemplos que podemos encontrar no Corpus do Português. Acreditamos que com a observação de vários desses modelos é possível visualizar os padrões de significado das expressões do verbo *cair*. Isso porque nos é fornecido diferentes exemplos e contextos que nos permitem avaliar o significado através de inferências de uso da língua.

5.2. Uso em sala de aula

O uso do Corpus do Português em sala de aula parece bastante adequado, tanto para auxiliar o professor de língua adicional a mostrar como o contexto e as inferências podem ajudar o aluno a aprender, quanto para mostrar para o aluno uma forma autônoma de aprendizagem. O site do corpus que utilizamos é bastante acessível e não requer muito conhecimento prévio para sua utilização.

A sugestão que propomos, neste trabalho, é que o aluno possa fazer a mesma busca pelo verbo *cair* que fizemos, mas com o auxílio do professor. Este faria uma seleção prévia de diferentes sentidos para o termo escolhido e pediria que o estudante procurasse no corpus e lesse o registro para o entendimento do contexto, possibilitando assim que a inferência seja feita pelo aprendiz, colocando-o no centro do processo de aprendizagem. Caso o aluno tenha dificuldade para construir a inferência, é possível

procurar novas entradas com a mesma expressão idiomática (por exemplo, “cair na realidade”) para obter o significado através da comparação de contextos.

Após a pesquisa, seria interessante que o professor ofertasse aos alunos diferentes contextos de uso para que pudessem aplicar as expressões, cujos significados eles inferiram anteriormente, com o uso de uma conversa mediada, em pequenos grupos, sobre diferentes ações. O professor poderia levar para a aula diferentes expressões idiomáticas, que os alunos procuraram anteriormente no corpus, em cartões, os quais seriam distribuídos para os grupos. Estes então devem formular possíveis contextos de utilização das expressões dadas. Desta forma, é possível que o mediador aponte possíveis dificuldades de entendimento que os estudantes possam ter encontrado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho tivemos como objetivo mostrar como o corpus pode ser usado para auxiliar na compreensão de expressões literais e idiomáticas com o uso de uma perspectiva inferencial. Nessa abordagem, o que é avaliado na interpretação não é apenas o que é dito (explícito), mas também o implicado (implícito) e como esse conhecimento pode auxiliar no aprendizado autônomo de português como língua adicional.

Para alcançar nosso objetivo, vimos o que é e como podemos utilizar um corpus de registros orais do português brasileiro, bem como definições abordadas na metodologia da Linguística de Corpus (Sardinha, 2004; O'keeffe, McCarthy e Carter, 2007). Além disso apresentamos noções do modelo inferencial, proposto por Paul Grice (1957, 1965) em que o processo comunicativo, para ser bem-sucedido, pressupõe um princípio cooperativo mínimo entre os participantes envolvidos no ato conversacional. Vimos também como Fernando (1996) e Leme (2008) conceituam expressões idiomáticas e as classificam de acordo com a quantidade de palavras com sentido dicionarizado na expressão.

Mostramos também algumas expressões com o verbo *cair* que podem ser encontradas no Corpus do Português e mostramos como podemos resgatar seus significados através de inferências baseadas nos contextos disponíveis. Sabemos que este trabalho está em uma fase inicial, mas esperamos que, com esta ideia inicial, possamos desenvolver novas atividades que auxiliem no ensino de português como língua adicional.

REFERÊNCIAS

- Archer, Aijmer, & Wichmann. 2012. *Pragmatics: an advanced resource book for students*. Oxford: Routledge.
- Fernando, Chintra. 1996. *Idioms and Idiomaticity*. New York: Oxford University Press.
- Grice, Herbert Paul. 1957. Meaning. In: *The Philosophical Review*, 66 (3), p. 377-388.
- Grice, Herbert Paul 1975, 1982. Lógica e conversação. In: Marcelo Dascal (org.). *Fundamentos Metodológicos da Linguística, 5: pragmática – problemas, críticas, perspectivas da lingüística* (p. 81-103). Campinas: Unicamp.
- Huang, Yan. 2007. *Pragmatic*. Nova Iorque: Oxford University Press.

- Komlósi, L. I. & Schnell, Zsuzsanna. 2008. Testing idiomaticity and metaphorical meaning structures in lexical semantics and inferential pragmatics: seeking evidence for a cognitive lexical theory. *Sprachtheorie und germanistische Linguistik*, 18 (2), p. 129-166.
- Leme, Andressa da Costa. 2008. *Idiomacidade e composicionalidade das expressões idiomáticas da língua inglesa: o significado na interface semântico-pragmática-etimológica*. Tese [Doutorado]. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Leffa, Vilson J. 1988. Metodologia do ensino de línguas. In: H. I. Bohn & P. Vandresen. *Tópicos em lingüística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras* (p. 211-236). Florianópolis: Ed. da UFSC.
- Levinson, Stephen C. 2007. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes.
- O'Keeffe, A., McCarthy, M., & Carter, R. 2007. *From corpus to classroom: language use and language teaching*. New York: Cambridge University Press.
- Sardinha, Tony Berber. 2004. *Linguística de Corpus*. Barueri: Manole.
- Searle, John R. 1979. *Expression and meaning*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Shannon, Claude & Weaver, Warren. 1964 [1949]. *The Mathematical Theory of Communication*. Urbana, IL: The University of Chicago Press.
- Sperber, Dan & Wilson, Deirdre. 1996. *Relevance: communication and cognition*. Cambridge: Blackwell.

Submetido: 26/07/2016

Aceito: 05/11/2016